

Akins Kintê

Escritor e documentarista de São Paulo, Brasilândia Z/N, publicou *Punga*, co-autoria Elizandra Souza, (Edições Toró, 2007); *InCorPoros- Nuances de Libido*, co-autoria Nina Silva, (Ciclo Continuo Editorial, 2011); *Muzimba Na Humildade sem Maldade*, (Edição particular, 2016). Dirigiu os filmes: *Vaguei os Livros me sujei com a m... Toda*, 2007. *Várzea a Bola Rolada na Beira do Coração*, 2010. *Zeca o Poeta da Casa Verde*, 2012.

a rodante

Quando ela Erê
Gaiatice
Os olhos arco-íris
Meninice
Nos passos vitais
Peraltice

Caso algo eu perguntasse
Na elegância
Vinha na certeza
De criança
E no axé que nos abriga
O Erê desfolhasse
Minha intriga

Quando Padilha
Traz no passo encanto
E elegância
De quem compreende o pranto
Vem na dança
Desmoronando quebranto
Intolerância

Caso eu angustiado
Em minha ilha
A Padilha
No olhar cheio de brilho
Harmoniza, sopra a doce brisa
Limpano o rastilho
No caminho que a gente trilha

Quando ela Orixá
Num deixa um cochicho
Nem queixa ou buchicho

Quando eu home bicho
Escrevo minha historia em garrancho
Magoado esguicho
Ódio e me desmancho

As ilhas de teus olhos fogacho
No mais profundo me flecha
Meu mundo se abre no facho
E não há o que fecha

Num abandona remexe
Até o momento que me acho
Arco-íris em meu feixe
Moro nas águas do riacho
Do sensível Orixá

[POEMA INÉDITO]

pode pá que dá rap

O bumbo feito coração dá o compasso
Desse mesmo coração que de fristayles
Vadeia solto pelos bailes
Na cadencia do negro passo

E as caixas livres deliram
Faz sonhar
Põe um baixo nessa pré-liminar
Que os excitados até transpiram

Põe também piano
E um chimbal sem domo
Feito meu eu sem dono
Feito seu amor cigano

Esses seios seus da balanço e sei
Pelo jeito que musica
Pelo jeito que toca me suplica
Me pede o deus que samplei

Antes a alma em levante
Marca gostosamente sem dó
Como o djembe do nego Jó
Lembrando terras distantes

O que toca é o que não sei de mim
O que tá dentro de mim é o que toca
Galopeia incendeia e invoca
Lágrimas quente funciona como plug-ins

O efeito dá um grau e faz com que soe
A voz, nós pesquisa e explora
O reverb dá um tom em onda sonora
Faz com que o som ecoe

Delícia de som a perna treme
A velocidade da batida
Frenética feita à vida
Cada qual no seu BPM

No escuro do salão de lei
Swingando sua coxas a minha encaixa
Pega o bumbo e a caixa
E põe delei

Pra dançar e pra reflexão
No jeito das palavras
Os versos viram cravas
Tatuando o coração

Que compomos sob ventos bons e temporais
No jeito ser composto da canção
Sob som de primeira função
Sanga que sangra que sagra os musicais

[POEMA INÉDITO]

Seleção feita pelo poeta retirada de *Muzimba Na Humildade sem Maldade* (Edição particular, 2016)

preto no branco

É minha a garatuja
minha escola é o gueto
do meu eu, eu nunca fuja
mas sim, é "serviço de preto"

E agora vamos pôr
"os pingos nos is"
porque o meu ter dor
pro seu ser feliz?

Cêis quer me complicá
com sua loucura, seu tuim?
não vou me explicá
mas não é “cabelo duro nem ruim”

Sou o que sou
por si só já incomoda
vem força e não dor
e rotularão que “preto é moda”

E ninguém por favor
põe o “pano quente”
por que um é horror
pro outro ser gente?

É neguim... vem terror
te arrasta
pra bom entendedor
“meia palavra basta”?

Tem os negros que eu nego
humilhado até se encolher
“o pior cego
é aquele que não quer ver?”

Quem de nós colabora
com esse eu detento
“um bom negro por fora
é um branco por dentro?”

Eu não “cago na entrada nem na saída”
e tudo tá beleza
e vontade nenhuma nessa vida
de sentar-me à sua mesa

Fujam da triste regra
com olhos em centelhas
confio na mais “negra
das ovelhas”

É anúncio pode ver
primavera na gente venho
ridículo é você dizer
que “preto ri feio”

sem catástrofe
suave imperfeito
é assim minha estrofe
procêis dizer “tinha que ser preto”

sinestesia poética

Mesmo que as rádios recusem
e não vire um contágio
que os malandros não usem
em momento ágil
e que eles me acusem
de cópia, de plágio
Te fiz o poema
no meu momento mais frágil

Mesmo que a mente surte
o que Valeu foi, não é vulto
o meu passado não furta
minhas dúvidas, sepulto
minha poesia simples e curta
minha arma, meus males insulto
Te fiz o poema
teu coração eu consulto

Fiz antes de raiar o dia
se disserem pelas ruas:
isso não é poesia!
É namorando a lua
que a inspiração me irradia
Te fiz o poema
sem me preocupar com a academia

Que os poetas não declamem
e achem que falta lírio
que os militantes reclamem
enxerguem seco satírio
de amator que me chamem
façam do texto um martírio
Te fiz o poema
entre realidade e delírio

O que embala o desejo
eu escrevo no embalo
sensualidade do beijo
no meus versos espalho
o seu sussurro o solfejo
quando meu eu eu calo
Te fiz o poema
na cadência do falo

Mesmo que os brancos omitam
digam ser feia, mentem
que os da elite evitem
me calar tentem
que os livros não citem
com seu racismo que atentem
O poema é preto, como ela preta
lindo e eterno, sentem?

Mesmo que o verso não entre
seus orifícios, seus meios
não pouse brasa em teu ventre
não fagulhem teus seios
não dê tesão dentre
no enfiar venham freios
Te fiz o poema
pra bagunçar teus anseios

Mesmo que você amor
ao ler me negue
e os versos de dor
cada vez mais me pegue
nas conversas de horror
digam que sou piegas
Te fiz o poema
às escuras e às cegas

xará

A gente é oriundo
água da mesma maré
mundo do mesmo mundo
axé do mesmo axé

Arco-íris do mesmo sorrir
aripá do mesmo aripá
ori do mesmo ori
pod' xá, pod' xá

Há século, há século
tem que ter tem que ter
não é túmulo não é túmulo
de um Kintê pra uma Kintê

Look do mesmo look
sede do mesmo afã
couro do mesmo batuque
chuva da mesma manhã

Rima do mesmo abafo
sustância do mesmo angu
marafo do mesmo marafo
calundu e calundu

Me perguntam essa pergunta
 desassossego do desassossego
 marra pra sempre ser Kunta
 negro pra sempre ser negro

A gente é canto de coco
 os olhos da mesma ilha
 sotaque assim de caboclo
 um quê de Exu acolá de Padilha

Você jura mô, jura?
 Mesmo triste, o que nos rege?
 Um pele escura para uma escura
 eu quero a do Gêge, a Dofona do Gêge

Entrada da mesma porta
 passo da mesma ginga
 flor da mesma horta
 magia da mesma Mandinga

No escuro que no escuro
 essa poesia da pele escura
 sob o destino cruel e duro
 muita ternura, muita ternura

A gente é gente calunga
 diamba da mesma diamba
 malunga da mesma malunga
 o samba do mesmo samba

É o beijo em sol maiúsculo
 esse amor no cubículo
 crepúsculo do crepúsculo
 o vocábulo do mesmo vocábulo

Debate no mesmo sururu
 embarcados no mesmo lúzio
 lundu no mesmo lundu
 certeza do mesmo búzio

Semba do mesmo semba
 se dança na mesma rumba
 conto da mesma lenda
 filhos das mesma macumba

A gente é penumbra
 festa nessa quizomba
 o riso nesse quizumba
 sombra da mesma sombra

Pupila a mesma pupila
 alma negra que abusa
 trilha da mesma trilha
 encruza da mesma encruza

Ceia no mesmo cenáculo
 conto do mesmo enredo
 magia do mesmo oráculo
 segredo do mesmo segredo

juventude negra

E a gente rimando remando contra a maré, a sós
cavoucando vulcões, por debaixo de nossas lágrimas
há rebeldes erupções, guerrilhando ardentes em nossa voz

Desbravando situação braba, e nós viramos um
uma vivência
um sorriso vira um pé-de-cabra, arrombamos de nosso rosto
a máscara branca do silêncio
aqui ninguém se policia, se negricia em potência

De orgulho, de hobbies, encontrar num solapo
ancestrais, vira papo, tão brasa, tão rente
desenterramos fogueiras no eu da gente
parindo estrelas pelos olhos, entre os nossos, só sorrir
Em volta murmúrios e revolta
uma ideia sem volta de resistir, resistir, resistir

Autoestima vira enxada, cavamos sete palmos
adentro da alma, rostos negros calmos
renasce na face perseverança, e com essa enxada enchemos
de orgulho e arrogância um coração
afogado, não de todo, quase abatido pelo racismo-lodo

Inundamos de ginga os nossos, inspirados pelos griots
os sábios espalhados pelo mundo
nos bailes nos sambas os carnudos lábios
namoram os lábios carnudos, juventude marruda que posa

porque vergonha já não cabe, livro vira chave luminosa

A gente abre o baú do esquecimento, desejo de sonhar e viver
destrancando nosso eu detento, do mundo do não ser
e o princípio sem piada
é que racistas, não arrumam mais nada

Juventude negra de atitude
estudando, é ficar ligeiro com a rota
que nos quer faz uma cota
depois é ir pra briga, lutar pela liberdade
o que fizemos por Serra da Barriga
o dobro façamos por nossa comunidade

Se não rola, relaxa marcha e siga
façamos de nosso coração
um quilombo uma nação
uma Serra da Barriga

